



1700º ANO DO CONCÍLIO DE NICÉIA E 60º ANO DO ENCERRAMENTO DO CONCÍLIO VATICANO II DOSSIÊ Nº 2

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n39.p339-357](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n39.p339-357)

A INFLUÊNCIA (IN)DIRETA DA PNEUMATOLOGIA DO CONCÍLIO DE NICEIA NO COMENTÁRIO DE THEODORO DE MOPSUÉSTIA

THE (IN)DIRECT INFLUENCE OF THE PNEUMATOLOGY OF THE COUNCIL OF NICAEA ON THEODORE OF MOPSUESTIA'S COMMENTARY

LA INFLUENCIA (IN)DIRECTA DE LA NEUMATOLOGÍA DEL CONCILIO DE NICEA EN EL COMENTARIO DE TEODORO DE MOPSUESTIA

*Gerson Francisco de Arruda Júnior**

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal destacar a influência, ainda que indireta, da pneumatologia do Concílio de Niceia no pensamento teológico de Theodoro de Mopsuéstia. Mais especificamente, objetiva-se pontuar e expor os argumentos elaborados por Theodoro de Mopsuéstia em defesa do natureza divina do Espírito Santo no seu *Comentário ao Credo Niceno*, e mostrar que essas considerações estão alinhadas com o pensamento dos Pais Nicos sobre o Espírito Santo. Os argumentos serão apresentados logo após algumas considerações gerais sobre as suas obras e sobre o contexto da redação do seu *Comentário*. O artigo encerra-se com algumas breves considerações sobre a pneumatologia e posições teológicas de Theodoro de Mopsuéstia.

Palavras-Chave: Concílio de Niceia. Credo Niceno. Theodoro de Mopsuéstia. Espírito Santo.

ABSTRACT

The main objective of this article is to highlight the influence, albeit indirect, of the pneumatology of the Council of Nicaea on the theological thought of Theodore of Mopsuestia. More specifically, it aims to outline and present the arguments developed by Theodore of

* Doutor em filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Possui experiência no ensino e na coordenação de cursos de graduação e de pós-graduação. Atualmente, é professor de filosofia na Universidade do Estado do Amapá, onde também participa do Grupo de Pesquisa "Ética e Filosofia Política". E-mail: gfa2023@gmail.com.



Mopsuestia in defense of the divine nature of the Holy Spirit in his *Commentary on the Nicene Creed*, and to show that these considerations are aligned with the Nicene Fathers' understanding of the Holy Spirit. The arguments will be presented following some general considerations about his works and the context in which his *Commentary* was written. The article concludes with some brief reflections on Theodore of Mopsuestia's pneumatology and theological positions.

Keywords: Council of Nicaea. Nicene Creed. Theodore of Mopsuestia. Holy Spirit.

RESUMEN

El objetivo principal de este artículo es destacar la influencia, aunque indirecta, de la neumatología del Concilio de Nicea en el pensamiento teológico de Teodoro de Mopsuestia. Más específicamente, se pretende resaltar y presentar los argumentos desarrollados por ese teólogo en defensa de la naturaleza divina del Espíritu Santo en su *Comentario* al Credo de Nicea, y demostrar que estas consideraciones coinciden con el pensamiento de los Padres Nicenos sobre el Espíritu Santo. Los argumentos se expondrán inmediatamente después de algunas consideraciones generales sobre sus obras y el contexto en el que se escribió su *Comentario*. El artículo concluye con unas breves consideraciones sobre la neumatología y las posturas teológicas de Teodoro de Mopsuestia.

Palabras Clave: Concilio de Nicea. Credo de Nicea. Teodoro de Mopsuestia. Espíritu Santo.

1 INTRODUÇÃO

Convocado pelo Imperador Constantino Magno, o primeiro concílio das igrejas cristãs ocorreu sob o Pontificado de Silvestre I. Sediado na cidade de Niceia, esse concílio contou com a presença de bispos, teólogos e representantes de várias congregações cristãs espalhadas pelo mundo, que se reuniram entre os dias 20 de maio e 25 de julho, do ano 325, no monumental Palácio Imperial, na tentativa de solidificar a unidade da igreja que, na ocasião, estava sendo ameaçada por polêmicas e desacordos doutrinários, teológicos, disciplinares e litúrgicos.

Em tese, pode-se dizer que os debates do conhecido Concílio de Niceia giraram em torno de, basicamente, quatro eixos principais: (1) a formulação do que ficou conhecido como “Credo Niceno”; (2) o estabelecimento da data da Páscoa; (3) a emissão de leis e cânones eclesiásticos – sobretudo quanto a questões disciplinares e ordenação de clérigos; e, certamente a principal motivação do concílio, (4) a defesa da ortodoxia cristã diante das posições heterodoxas sobre a cristologia propagadas pelo arianismo.

Após a sua oficialização como um documento confessional, o Credo Niceno passou a ser uma referência no âmbito do cristianismo, sendo utilizado não somente para fins

apologéticos, mas sobretudo como um instrumento catequético¹. Desde então, o Credo é recitado, estudado, interpretado e exposto por muitos cristãos ao longo dos séculos. Uma importante obra de interpretação desse conteúdo credal, infelizmente ainda desconhecido em muitos círculos teológicos, é o *Comentário de Theodoro de Mopsuéstia ao Credo Niceno*².

Um ponto de grande relevância para os estudos histórico-teológicos é o modo como o *Comentário de Theodoro de Mopsuéstia* discorre sobre a crença no Espírito Santo. É precisamente sobre isso que versará o presente artigo. Seu objetivo principal é evidenciar a influência da pneumatologia do Concílio de Niceia no pensamento de Theodoro de Mopsuéstia, à medida que apresentamos os lances argumentativos de sua exposição sobre a crença no Espírito Santo, conforme encontrada no Credo Niceno. Nomeadamente, objetiva-se pontuar e expor o enredo argumentativo elaborado por ele em favor da divindade do Espírito Santo, e mostrar que suas considerações teológicas sobre essa doutrina manifestam uma clara influência da pneumatologia defendida pelos Pais Nicenos.

Para alcançar esse objetivo, num primeiro momento, faremos uma consideração geral sobre as obras de Theodoro de Mopsuéstia; em seguida, discorreremos sobre o contexto do seu *Comentário ao Credo Niceno*; e, por fim, faremos uma exposição de suas considerações sobre a cláusula “[creio] no Espírito Santo”, enfatizando aqueles pontos nos quais a divindade do Espírito Santo é claramente ressaltada. O artigo encerra-se com algumas breves considerações sobre a pneumatologia e as posições teológicas de Theodoro de Mopsuéstia.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS OBRAS DE THEODORO DE MOPSUÉSTIA

Theodoro de Mopsuéstia é um daqueles pensadores que, apesar de sua relevância, tem recebido pouquíssima atenção nos estudos teológicos e históricos. Ele foi discípulo de Deodoro de Tarso e amigo pessoal do grande exegeta João Crisóstomo.

¹ Cf. Quanto à influência teológica do Credo Niceno na história do pensamento teológico, cf. Ayres, 2006; Schaff, 1977.

² Essa obra é o principal referencial teórico do presente artigo. A versão utilizada aqui é a tradução inglesa feita por Alphonse Mingana (cf. Mingana, 2009).

Por volta do ano 392, foi sagrado Bispo de Mopsuéstia, atual Turquia, ofício que cumpriu até à sua morte, em 428.

Tanto Theodoro de Mopsuéstia quanto João Crisóstomo desempenharam um expressivo protagonismo teológico entre o final do século IV e início do século V³. De um modo geral, pode-se dizer que as posições teológicas de Theodoro de Mopsuéstia estão diretamente ligadas à famosa Escola de Antioquia⁴, que, apesar de se destacar na história da teologia e da hermenêutica por sua veementemente oposição à Escola de Alexandria, defendendo o método de interpretação literal e histórica da Bíblia, é lembrada por ser acusada de defender posições heterodoxas em relação a algumas doutrinas fundamentais da fé cristã, notadamente sobre a cristologia.

Considerando o seu contexto, não é descabido dizer que a produção literária de Theodoro de Mopsuéstia é bastante ampla e diversificada. Ela é constituída de obras exegéticas, teológicas, apologéticas e catequéticas ou doutrinais, as quais se destacam por também terem desempenhado um papel importante na construção do edifício teológico da Escola de Antioquia.

Convém destacar, quanto a isso, que um número significativo das obras de Theodoro de Mopsuéstia se perdeu ao longo do tempo, sobretudo depois de sua condenação póstuma como herege, no Segundo Concílio de Constantinopla⁵. Outras obras, porém, foram preservadas em versões siríacas, o que, de certa forma, justifica a dificuldade de tradução dessas obras, pelo fato de o siríaco ser uma língua bastante incomum.

Dentre as suas obras exegéticas, encontramos vários comentários bíblicos, os quais se caracterizam por apresentar um princípio hermenêutico que dava total atenção ao contexto histórico e literário dos textos. Alguns deles chegaram até nós, como é o caso

³ Para detalhes sobre a vida, pensamento e obra de Theodoro de Mopsuéstia, cf. McLeod, 2009.

⁴ Sobre a origem e atuação da Escola de Antioquia, cf. Arruda Júnior, 2007, p. 147-211.

⁵ Sua condenação se deu, sobretudo, pela forte ligação de suas posições com os ensinamentos do nestorianismo. Sobre isso, cf. McGrath, 2010, p. 418-420.

do *Comentário sobre o Evangelho de João*⁶, dos *Salmos*⁷, dos *Profetas Menores*⁸ e de algumas *Epístolas Paulinas*⁹.

Quanto às suas obras teológicas, destacam-se as que abordam temas ligados à cristologia. Infelizmente, essas obras se perderam completamente, e o que sabemos delas só sabemos porque há várias fontes, como o Concílio de Constantinopla II, realizado em 553, que citam parte desses textos e não hesitam em afirmar que eles influenciaram as formulações da cristologia de Nestório, que foi condenado por heresia¹⁰.

Em relação às suas obras apologéticas, o protagonismo de Theodoro de Mopsuéstia é admirável. Tanto como professor quanto como Bispo, ele sempre militou a favor das causas cristãs e do que ele entendida ser a ortodoxia cristã. Sua mais expressiva obra apologética é a famosa *Resposta ao Imperador Juliano*¹¹, ainda pouco conhecida no meio teológico contemporâneo¹².

Por fim, encontramos também as suas obras catequéticas ou doutrinais. Estas consistem em pequenos opúsculos sobre doutrinas fundamentais da fé cristã, cartas e sermões. No interior do conjunto dos textos catequéticos, que eram geralmente utilizado em instruções iniciais dadas aos catecúmenos, encontramos alguns tratados sobre a oração do Pai Nosso e o Batismo¹³, sobre a Eucaristia¹⁴, etc. Entretanto, o mais expressivo texto catequético escrito por Theodoro de Mopsuéstia é, sem qualquer margem de dúvida, o seu *Comentário ao Credo Niceno*.

⁶ Cf. Theodoro de Mopsuéstia, 2010.

⁷ Cf. Theodoro de Mopsuéstia, 2006.

⁸ Cf. Theodoro de Mopsuéstia, 2014.

⁹ Cf. Theodoro de Mopsuéstia, 2010.

¹⁰ Sobre Nestório, o nestorianismo e sua condenação, cf. Sabo, 2018; Strong, 2003, p. 315-316; Ferreira; Myatt, 2007, p. 486-488.

¹¹ O Imperador Juliano, que ficou conhecido como “Juliano, o Apóstata”, escreveu várias obras contra a fé cristã, dentre elas a intitulada *Contra os Galileus*. O texto de Theodoro de Mopsuéstia consiste, basicamente, de uma refutação às principais ideias propostas por Juliano nessa sua obra. Há uma excelente tradução dessa obra para a língua italiana (cf. Theodoro de Mopsuéstia, 2019).

¹² Russell, 2000, p. 191.

¹³ Cf. Theodoro de Mopsuéstia, 2021.

¹⁴ Cf. Theodoro de Mopsuéstia, 2011.

3 O COMENTÁRIO DE THEODORO DE MOPSUÉSTIA AO CREDO NICENO

O que aqui estamos chamando de “Comentário ao Credo Niceno” foi, de fato, um conjunto de palestras catequéticas ministradas por Theodoro de Mopsuéstia. Essas palestras consistiam de uma explicação minuciosa, frase por frase, do conteúdo do Credo formulado pelo Concílio de Niceia. Tais palestras foram reunidas numa única obra, escrita em siríaco, provavelmente entre os anos 392 e 428, anos em que Theodoro exerceu seu profícuo episcopado em Mopsuéstia.

O texto que resultou dessas palestras é designado na literatura teológica de várias maneiras. No *Catálogo de livros* do escritor siríaco monofisista Abdisho bar Berikha¹⁵, a obra é chamada de “O Livro sobre a Fé”. A *Crônica de Seert*¹⁶, por sua vez, e de forma mais precisa, a denomina de “A interpretação da fé dos trezentos e dezoito”¹⁷. E o Arcebispo Nicephorus Theotokes a chama de “Uma explicação da Profissão de Fé Nicena”¹⁸.

Em sua essência, essas palestras se destinavam à preparação catequética dos iniciados na fé, os batizados, e, junto com uma exposição sobre a oração do Senhor, constituía um manual ou livro para os que iriam professar a fé cristã e, consequentemente, ser batizados.

Sem qualquer dúvida, o *Comentário ao Credo Niceno* feito por Theodoro de Mopsuéstia é uma obra teológica de grande relevância, pois nos dá uma explicação minuciosa de cada uma das partes do Credo estabelecido no Concílio de Niceia. O texto segue o enredo do Credo, tratando, incialmente, do ser de Deus – Pai, Filho e Espírito Santo, e de suas respectivas obras, e, depois, trata das doutrinas da Igreja, do Batismo para remissão de pecados e da vida eterna.

Para Theodoro de Mopsuéstia, o Credo Niceno reflete e sistematiza fielmente os ensinamentos das Escrituras sobre os tópicos de que trata. Particularmente, em sua exposição sobre a doutrina do Espírito Santo, Theodoro de Mopsuéstia afirma a plena

¹⁵ Cf. Stadel, 2025.

¹⁶ Cf. Wood, 2013.

¹⁷ A expressão “Trezentos e dezoito” aqui empregada é uma referência ao disputável e discutido número de participantes do Concílio de Niceia (cf. Reis, 1964, p. 50).

¹⁸ Mingana, 2009, p. 15.

divindade do Espírito Santo, defendendo a ideia de que ele é consubstancial com o Pai e o Filho. Ele é um ferrenho crítico daquelas posições teológicas heterodoxas que veem o Espírito como uma criatura¹⁹ ou mesmo servo das demais pessoas da divindade, e argumenta em favor da ideia segundo a qual a própria inclusão da crença no Espírito Santo no Credo já demonstra a sua natureza divina. Apresentar os argumentos de Theodoro sobre a divindade do Espírito e mostrar que tal posição decorre da influência da pneumatologia defendida pelos Pais Nicenos é o objetivo principal da seção seguinte.

4 INFLUÊNCIA DA PNEUMATOLOGIA DO CONCÍLIO DE NICEIA EM THEODORO DE MOPSUÉSTIA

Um ponto importante na exposição sobre a doutrina do Espírito Santo feita por Theodoro de Mopsuéstia é a notória importância que ele dá à essa doutrina. Na verdade, ele começa a falar da terceira pessoa da Trindade antes mesmo de discorrer e explicar a parte do Credo que fala especificamente sobre o Espírito Santo, sobretudo quando trata das obras do Pai (cf. Theodoro de Mopsuéstia, 2009, p. 18, 24-29), e da pessoa e obra do Filho (cf. Theodoro de Mopsuéstia, p. 35-36, 43, 50, 60-62, 68-72, 80 e 92).

Seguindo a ordem da redação do Credo, é exatamente depois das instruções (e em total harmonia com elas) sobre a doutrina do Pai e do Filho que Theodoro considera mais pontualmente os ensinamentos credais sobre o Espírito Santo.

Em sua primeira versão, concebida como a original, o Credo manifesta a crença no Espírito Santo apenas com a expressão “[creio] no Espírito Santo”. Embora reconhecesse textualmente que essa simples afirmação seria suficiente para expor o ensino das Sagradas Escrituras sobre o Espírito Santo, o *Comentário* de Theodoro de Mopsuéstia é baseado na versão que posteriormente foi dada ao Credo, no ano 381, em Constantinopla, na qual se acrescenta, à essa expressão inicial, o seguinte texto: “Senhor e doador da vida, que procede do Pai, que junto com o Pai e o Filho é adorado

¹⁹ Essa era a posição de Orígenes, apesar de admitir que o Espírito Santo era um ser divino. Quanto a essa temática, cf. Arruda Júnior, 2025, p. 127-137.

e glorificado, e que falou por meio dos profetas”²⁰. Segundo Theodoro de Mopsuéstia, a razão pela qual os “benditos Pais” não nos transmitiram de forma completa tudo o que foi dito sobre o Espírito Santo se justifica pelo fato de que, no contexto do Concílio, a atenção dos chamados “padres conciliares” estava voltada para as questões cristológicas, em virtude dos fortes ataques dos arianos. E, dado que, nesse contexto, não havia qualquer relevante questão sobre a pessoa e obra do Espírito Santo, os representantes do Concílio se concentraram mais acuradamente nos pontos em pauta e julgaram que, para uma crença completa na verdadeira fé, seria suficiente apenas inserir, no Credo, “o nome do Espírito”, e que “ele deveria ser pronunciado junto com o nome do Pai e do Filho” (Theodoro de Mopsuéstia, 2009, p. 94).

4.1 Argumentos de Theodoro em defesa da natureza divina do Espírito Santo

Na sequência de sua exposição, Theodoro de Mopsuéstia apresenta, e argumenta, a favor de alguns aspectos da pneumatologia cristã. Na verdade, todos esses aspectos tratam diretamente sobre a natureza divina do Espírito e estão em perfeita harmonia com os ensinamentos dos Pais Nícenos.

Em primeiro lugar, ele considera o texto do Evangelho de Mateus 20.28, mais especificamente a expressão “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”. O argumento apresentado é que, ao se designar e nomear o Espírito Santo ao lado do Pai e do Filho, as Escrituras Sagradas objetivavam, por um lado, indicar a natureza inciada do Espírito, isto é, o fato de ele existir desde a eternidade e, consequentemente, ser a causa de tudo, e, por outro lado, distingui-lo de todas as coisas criadas. Ou seja, o nome aqui mencionado é o nome daquele que é Senhor e Deus, por natureza. É nesse nome que os fiéis são batizados. Argumenta-se, assim, que não se teria inserido o nome de um ser na forma batismal se ele não fosse a causa dos benefícios que os fiéis esperam possuir por serem batizados. Portanto, nomeia-se Pai, Filho e Espírito Santo porque cada um deles tem o poder de conceder tais benefícios celestiais.

²⁰ Houve uma segunda modificação na cláusula da crença sobre o Espírito Santo com o acréscimo do *filioque*, no I Concílio de Toledo, em 397. Sobre isso, cf. Maspero, 2023; Ybarra, 2022; Siecienski, 2010; Coetzee, 2012.

De modo mais detalhado, a argumentação de Theodoro de Mopsuéstia gira em torno do seguinte ponto: assim como o Pai é nomeado na missão de discipulado e na fórmula batismal porque possui a natureza divina, é eterno e é capaz de nos conceder os benefícios envolvidos na promessa do batismo; e assim como o Filho também é nomeado porque tem natureza idêntica à do Pai e é capaz de nos conceder esses mesmos benefícios; é igualmente evidente que nomeia-se o Espírito Santo, juntamente com o Pai e com o Filho, por esta mesma razão, isto é, porque ele é da mesma natureza do Pai e do Filho, e é capaz de nos conceder todos os bônus advindos no batismo. Dessa perspectiva, era inconcebível nomear o Espírito Santo como parte integrante da fórmula batismal se ele não partilhasse, como Deus, as mesmas condições do Pai e do Filho, e não tivesse condições de garantir os benefícios do batismo aos fiéis. Portanto, crer no Espírito Santo, como nos diz o Credo, é crer que ele, à semelhança do Filho, é da mesma natureza divina do Pai, e, por isso, deve ser adorado como a causa de todo o bem.

Importa notar, quanto a isso, que todas essas verdades estão, segundo Theodoro de Mopsuéstia (2009, p. 97), implícitas na frase “[creio] no Espírito Santo”, como consta no Credo. Do seu ponto de vista, para os sinceros de coração, a curta e simples expressão empregada pelos Pais Nicenos para manifestar a crença no Espírito Santo é apropriada e adequada, pois eles nos ensinaram claramente a respeito do Filho de Deus, no sentido de que devemos crer nele como consubstancial com o Pai, e não teriam acrescentado em sua profissão de fé uma expressão a respeito do Espírito Santo se não soubessem que ele também era da mesma natureza divina do Pai. Sendo assim, a simples menção da expressão “Espírito Santo” foi suficiente para demonstrar a sua natureza, conforme nos é ensinada pelas Sagradas Escrituras, pois ele não teria sido chamado por esse nome exclusivo e majestoso se não tivesse a natureza divina.

Um dado curioso na argumentação de Theodoro de Mopsuéstia é que ele considera a expressão “Espírito Santo” como um nome, no sentido teológico, e empreende uma análise das partes desse nome. Para ele, passagens bíblicas usam a palavra “espírito” para designar várias coisas. Por exemplo, os anjos, a alma humana e os ventos são chamados de “espíritos” (cf. Hb 1.14; Sl 146.4; 147.18). Além disso, essa palavra também é usada para se referir a todas as coisas que não são visíveis, aquelas que

os nossos sentidos não podem compreender com precisão e que não são claramente definidas. Contudo, para Theodoro de Mopsuéstia, embora haja muitas coisas que, na linguagem comum, são chamadas “espíritos”, o termo refere-se, de forma exclusiva, como a Sagrada Escritura nos ensina, à natureza da divindade, a única que de fato é essencialmente incorpórea e nunca pode ser circunscrita a um lugar ou local. Deus é chamado nas Escrituras de “espírito”. Foi exatamente essa a razão pela qual o Cristo corrigiu a mulher samaritana, que acreditava que Deus era adorado em um lugar especial e estava contendendo com os judeus, perguntando se o lugar adequado para a adoração era o Monte Gerizim ou Jerusalém (Jo 4.24). Nesse sentido, sendo Deus um ser espiritual, ele é incorpóreo, não estando confinado a um lugar. Para o Bispo de Mopsuéstia, isso faz com que a palavra “espírito” se refira preeminente e devidamente à natureza divina.

Para fundamentar essa sua ideia, Theodoro de Mopsuéstia (2009, p. 98) analisa a famosa expressão “Eu Sou”, que é usada na Bíblia Hebraica para referir o Deus de Israel, no contexto da sua revelação ao profeta Moisés (Êx 3.14-15). Muitos seres, no caso, homens e anjos, são denotados pela expressão “eu sou”. Contudo, quando se chama Deus de “Eu sou”, usa-se o termo com uma conotação diferente, exclusiva, para designar a autoexistência e soberania de Deus²¹. O mesmo ocorre com o termo “espírito” no nome “Espírito Santo”. É somente nesse caso que a palavra é corretamente entendida, sobretudo para designar a natureza divina, visto que o Espírito Santo é verdadeiramente um espírito incorpóreo e eterno.

Essa ideia é ainda mais explicitada por Theodoro na seguinte comparação: assim como quando ouvimos o nome “do Pai”, embora existam muitos outros pais, e entendemos que ele se refere verdadeiramente a um Deus poderoso que é eterno; e assim como ocorre quando ouvimos o nome “do Filho”, que, embora muitos sejam chamados filhos, nós, no entanto, pensamos apenas no Filho unigênito, que é o Cristo, que não se tornou nem é Filho através do processo ordinário, como os nossos filhos, que nasceram por meio de fecundação, mas ele é verdadeiramente o único Filho de um Pai que é eterno, e ele é eternamente dele e com ele; da mesma forma, quando ouvimos o nome “do Espírito Santo”, não pensamos em um daqueles seres que são

²¹ Cf. Berkhof, 1990, p. 39-41.

chamados espíritos, mas naquele que é verdadeiramente chamado por este nome e é incorpóreo, o qual é posto ao lado do Pai e o Filho, numa única natureza divina (cf. Theodoro de Mopsuéstia, 2009, p. 99).

Segundo Theodoro de Mopsuéstia, o mesmo raciocínio é aplicado ao termo “santo” no nome “Espírito Santo”. Embora existam muitas coisas santas, tais como: anjos, o tabernáculo, a terra, etc., estas coisas são santas pelo uso comum do termo, apenas por terem derivado sua santidade de Deus. No sentido restrito, somente Deus é verdadeiramente Santo, cuja natureza é imutável e inalterável, e não derivou a sua santidade de outro, mas, em e por si mesmo, pode conceder santidade a todos. É exatamente por isso que, para Theodoro, os Serafins, quando o glorificam, clamam “uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória” (Is 6.3).

Portanto, as Escrituras Sagradas chamam de *Santo* aquele que é confessado, na fórmula batismal e no ato do discipulado, lado a lado com o Pai e o Filho, porque o nome “Espírito Santo” é propriamente aplicado apenas à natureza divina. Essa é a razão pela qual quando ouvimos “Espírito Santo” não perguntamos a quem se refere, porque sabemos que ele, por ser Deus, é o único santo por natureza e que é nomeado com o Pai e o Filho como um ato devido à sua natureza, porque a natureza do Pai, do Filho e do Espírito Santo é uma e a mesma. Em síntese, chama-se “Espírito Santo” pelas seguintes razões: “Espírito” porque é verdadeiramente incorpóreo; “Santo” porque somente ele é santo e imutável por natureza, e é ele quem concede santidade àqueles que a possui.

Convém reparar que, ao afirmar isso acerca do Espírito Santo, Theodoro de Mopsuéstia o coloca no mesmo patamar da divindade do Pai e do Filho. “Homens de boa vontade”, como ele nos diz em seu *Comentário*, não têm qualquer dúvida de que esse ensino está em plena harmonia com as palavras que o nosso Senhor pronunciou aos seus discípulos. É, pois, somente “homens de má vontade” que se mostram insolentes e concebem Espírito Santo como um ser inferior, como um servo, ou mesmo uma criatura, ou, embora se abstêham dessas palavras, recusam-se a chamá-lo de Deus.

Quanto a isso, Theodoro de Mopsuéstia (2009, p. 100-101) nos dá uma informação muito importante para a história da teologia. Do seu ponto de vista, foi com senso de dever que os “Doutores da Igreja”, termo que ele emprega para designar os representantes do Concílio de Constantinopla, se reuniram e, numa piedosa deliberação, interpretaram corretamente o pensamento dos Pais Nicenos e acrescentaram, de modo preciso, a verdade da fé cristã sobre o Espírito Santo, a saber, que esse Espírito é “Senhor e Vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado, que falou através dos profetas”. Portanto, do seu ponto de vista, foi para corrigir esses erros, que já se mostravam presentes no meio do pensamento cristão, e para advertir os fiéis acerca deles, que esse acréscimo foi feito. Numa comparação, assim como os Pais Nicenos fizeram na profissão de fé acerca do Filho para refutar a impiedade de Ário, assim também o fizeram os Pais Constantinopolitanos a respeito do Espírito Santo para refutar aqueles que blasfemarem contra ele²².

Sob as considerações, a conclusão de Theodoro de Mopsuéstia é simples: ora, seria um absurdo chamar de criatura ou de servo aquele por cujo nome esperamos ser renovados e libertados. O dever nos obriga, portanto, a chamá-lo de Deus, porque nenhuma outra natureza pode criar, renovar e libertar, exceto a natureza divina, que não é criada nem feita, mas é a causa de tudo, é capaz de renovar suas obras de acordo com sua vontade e tem o poder de nos dar a liberdade como desejar. Por isso, e para isso, foi correto, da parte dos Pais Constantinopolitanos, proclamar, em seu Credo, que o Espírito Santo possui a natureza divina com o Pai e o Filho, e, pelo acréscimo de breves palavras, confirmar a verdadeira doutrina da Igreja, que deveria ser manifestada àqueles que almejam o santo batismo.

Ainda em sua exposição, outro argumento proposto por Theodoro de Mopsuéstia (2009, p. 101-105) acerca da divindade do Espírito Santo é baseado na afirmação paulina “um só Espírito”. Seu lance argumentativo agora é o de que o apóstolo Paulo, bem como toda a Escritura Sagrada, ensina a singularidade das pessoas divinas, por meio da expressão “um”: há *um* só Pai, *um* só Filho, *um* só Espírito. Na verdade, isso

²² A heterodoxia e as heresias acerca da doutrina do Espírito Santo que mais fortemente se manifestavam no contexto do Concílio de Constantinopla foram: *Trópicos*, *Macedonianos* e *Pneumatomacos*. Sobre isso, cf. Sesboué, 2002, p. 227-228; Gracioso, 2015, p. 15-17.

está em total harmonia com o contexto da singularidade de todo o cristianismo, pois não apenas “em *um* só Espírito, todos nós fomos batizados em *um* só corpo” (1Co 12.13), mas também “há somente *um* corpo e *um* Espírito, como também fostes chamados *numa* só esperança da vossa vocação; há *um* só Senhor, *uma* só fé, *um* só batismo; *um* só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” (Ef 4.4-6).

O ponto para o qual Theodoro chama a nossa atenção nessa sua argumentação é que os seres criados são numerosos e diferentes em sua natureza, mas há apenas *uma* natureza imutável que é a causa de tudo, e, fora dessa natureza, não há ser inciado que seja a causa dos seres criados, e aquele que tem essa natureza é verdadeiramente inciado e a causa de tudo. Portanto, ser denotado pela expressão *um* indica que o Espírito Santo possui a natureza divina. Ele é *um*, assim como o Pai é *um* e o Filho é *um*, e cremos que a natureza de cada um deles, que é a mesma, é inciada, eterna e *una*. Por conseguinte, isso atesta também a independência ou autossuficiência do Espírito Santo, pois ele não depende de nada nem de ninguém para existir. Esse ensino, segundo Theodoro de Mopsuéstia, não foi inventado pelos Pais Nicenos, mas eles apenas reverberaram o que o Cristo instruiu aos seus discípulos.

Nesse ínterim, o Bispo de Mopsuéstia ainda ressalta que o Espírito Santo é “o Espírito da verdade”. O foco de sua argumentação aqui é que somente possuindo uma natureza imutável, eterna e inalterável é que o Espírito Santo poderia ser o “Espírito da verdade”. Para Theodoro de Mopsuéstia (2009, p. 105-106), a falsidade está sempre associada a algo que é perecível, mutável, transitório. Por isso, a expressão “Espírito da verdade” não se aplica de forma alguma aos seres criados, pois eles estão muito longe de ser capazes de realizar ou propor algo duradouro, visto que eles mesmos são transitórios. “Espírito da verdade”, portanto, denota a grandeza da natureza do Espírito do seu poder em garantir (porque é verdadeiro) os benefícios espirituais a todos os que são fiéis.

Nesse contexto de discussão sobre o “Espírito da verdade”, Theodoro de Mopsuéstia passa a tratar sobre aquela que, talvez, seja a mais problemática²³ das afirmações credais sobre o Espírito Santo no âmbito do Credo Niceno, a saber, que o Espírito Santo “procede do Pai”. Do seu ponto de vista, isso foi ensinado pelo Cristo: “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim” (Jo 15.26). O entendimento inicial de Theodoro de Mopsuéstia é que, nesse texto, Cristo estava falando da graça do Espírito que, em pouco tempo, ele mesmo concederia aos seus discípulos. Ressalta-se que não lhes foi prometido o envio da natureza divina do Espírito, mas que eles receberiam o dom da graça que lhes foi derramada. Cristo chama o Espírito de “Consolador” porque ele transmitiria aos discípulos o conhecimento que lhes era exigido para confortar suas almas diante das inúmeras provações deste mundo.

Convém notar que, nesse contexto, depois de mostrar o caráter da graça que eles iriam receber, Cristo acrescenta a frase: “dele [Pai] procede”. Para Theodoro de Mopsuéstia (2009, p. 107-108), o que Cristo estava dizendo com essa expressão era que o Espírito Santo sempre está com o Pai e é inseparável dele. Para corroborar essa ideia, o *Comentário* cita o seguinte texto paulino: “Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus” (1Co 2.11). A compreensão de Theodoro de Mopsuéstia desse texto é a seguinte: assim como o espírito do homem não está separado dele enquanto ele é e permanece homem, assim também o Espírito Santo não está separado de Deus Pai, porque Ele é dele e pertence à sua natureza, e é sempre conhecido e confessado conjuntamente com ele.

Dessa perspectiva, o entendimento correto da expressão “procede do pai”, portanto, contempla o fato de que o Espírito Santo é uma fonte inesgotável que está sempre com o Pai e nunca foi, é ou será separado dele. Por implicação natural e racional, o Espírito Santo, portanto, não foi criado, mas está eternamente com o Pai, e, como um rio com fluxo incessante, ele, da parte do Pai, concede dons divinos aos fiéis. Assim, ao afirmarem que o Espírito procede do Pai, os Pais Nicenos confessavam, seguindo as palavras de Cristo, que o Espírito Santo é da mesma natureza do Pai, que ele

²³ Referimo-nos aqui à problemática acerca do *filioque*. Quanto à essa temática, cf. Maspero, 2023; Ybarra, 2022; Siecienski, 2010; Coetze, 2012.

procede dele eternamente, e que ele sempre esteve no Pai. É evidente que aquele que esteve eternamente com o Pai procede também de sua natureza, porque é impossível que algo que esteja eternamente com Deus não seja dele por natureza.

Por fim, Theodoro de Mopsuéstia (2009, p. 110-112) considera a expressão, inserida posteriormente pelos Pais Constantinopolitanos, “Senhor e Vivificador”. Para ele, isso só confirma apropriadamente que o Espírito Santo é Deus. Isso está em total harmonia com o que foi considerado imediatamente acima sobre o Espírito como um “rio com fluxo incessante”. Cristo afirmou: “aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4.14). Nessa passagem, ele se referiu ao dom do Espírito Santo, que dá vida eterna àqueles que são dignos dela. E, novamente, em outra passagem, a saber: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (Jo 7.38-39), ele chama a água viva de “dom do Espírito Santo” porque ela pode conceder vida eterna.

Para robustecer a sua ênfase nessa vivificação espiritual efetuada e dada pelo Espírito, Theodoro de Mopsuéstia elenca um conjunto de textos bíblicos sobre a ação vivificante do Espírito: “porque a letra mata, mas o espírito vivifica” (2Co 3.6); “Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante” (1Co 15.45); “Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita” (Rm 8.11); “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (Jo 6.63), etc. Todos esses textos visam corroborar a ideia da divindade do Espírito Santo porque somente àquele que é capaz de criar algo do nada pertence o ato de dar vida, isto é, de nos tornar imortais para que vivamos para sempre.

Quanto a isso, convém destacar que, mesmo entre os seres criados, aqueles que têm uma natureza imortal, como anjos e homens, são considerados superiores, e é, portanto, claro e evidente que aquele que é capaz de realizar este ato é muito superior

a esses. Segundo Theodoro (2009, p. 111), o próprio Deus mostra que é prerrogativa da natureza divina fazer isso, ao afirmar: “Vede, agora, que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum deus além de mim; eu mato e eu faço viver; eu firo e eu saro; e não há quem possa livrar alguém da minha mão” (Dt 32.39).

Do ponto de vista de Theodoro de Mopsuéstia, foi, pois, com essas palavras que os Pais Nicenos nos ensinaram e nos advertiram sobre o que devemos crer sobre o Espírito Santo. Do seu ponto de vista, as palavras do Credo apenas ecoam os ensinamentos de Cristo e de seus apóstolos. De fato, aquele que ordenou que batizássemos “em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” sabia, mais que qualquer outra pessoa, o que isso significa, a saber, que Pai, Filho e Espírito Santo possuem a mesma natureza divina e eterna.

5 CONCLUSÃO

A importância do Credo Niceno para o testemunho confessional da Igreja Cristã é indiscutível. Desde a sua promulgação como um documento oficial da cristandade, ele tem sido um instrumento de ensino e doutrinação cristã. Theodoro de Mopsuéstia o usava para ensinar aos catecúmenos, preparando-os para professar uma fé consistente e ortodoxa.

O presente artigo objetivou considerar a exposição que Theodoro de Mopsuéstia faz de aspectos da pneumatologia do Credo Niceno. De modo mais específico, apresentamos os lances argumentativos utilizados por ele para provar a divindade do Espírito Santo. Quanto a isso, notamos que a posição do Bispo de Mopsuéstia sobre o Espírito Santo segue, quase que literalmente, a expressão ortodoxa do pensamento cristão de sua época, sobretudo a que foi sistematizada e professada pelos Pais Nicenos.

Theodoro de Mopsuéstia admitia que o Espírito Santo é uma pessoa divina, distinta do Pai e do Filho. O seu próprio nome, “Espírito Santo”, já denota essa verdade. Ele também admitia que o Espírito Santo procede do Pai, o que implica dizer que ele é eterno e esteve sempre com o Pai. Quanto a isso, convém destacar que o problema do *filioque* ainda não tinha sido posto em sua época e, por isso, desse ponto de vista, isto é, considerando o Espírito Santo procedente apenas do Pai, podemos dizer que

Theodoro de Mopsuéstia está mais diretamente ligado à tradição ortodoxa oriental do que a tradição ocidental posterior, a qual admite que o Espírito procede tanto do Pai quanto do Filho. Contudo, quanto isso seja um fato, convém enfatizar que, assim como os Pais Nicenos, o Bispo de Mopsuéstia procurou manter, de modo claro, as distinções entre as pessoas da Trindade, tentando evitar, desse modo, confusão teológica e doutrinária com respeito a essa doutrina teológica.

É impossível não perceber a forte influência das decisões do Concílio de Niceia na pneumatologia de Theodoro de Mopsuéstia, sobretudo no que tange à eternidade e divindade do Espírito. Em sua argumentação, Theodoro evidencia um rigor teológico e exegético pela sua constante preocupação em apresentar e defender a distinção das pessoas divinas, o que está, de fato, em total consonância com o legado teológico acerca do Espírito Santo herdado da ortodoxia nicena.

Entretanto, e infelizmente, essa fidelidade aos pensamentos dos Pais Nicenos não se estendeu para todas as doutrinas teológicas, pois o Bispo de Mopsuéstia seria, alguns séculos depois, condenado por suas posições cristológicas, nomeadamente, a sua ligação com o nestorianismo. Entretanto, mesmo sendo acusado de heresia cristológica, o seu pensamento sobre o Espírito Santo foi amplamente acolhido no seio da Igreja Crista.

REFERÊNCIAS

- ALBERICO, Giuseppe. *História dos concílios ecumênicos*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- ARRUDA JÚNIOR, G. F. de. Divino, mas criado: Orígenes e a doutrina da geração do Espírito Santo. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 01, p. 127-137, jan./abr. 2025.
- ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco. Alegoria e Literalismo: os princípios hermenêuticos das Escolas de interpretação bíblica do Oriente no período Patrístico. *Studium*, Recife, v. 17, p. 147-211, 2007.
- AYRES, Lewis. *Nicaea and its legacy*. New York: Oxford University Press, 2006.
- BEHLMAYER, K.; TUECHLE, H. *História da igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1964.
- BERKHOF, L. *Teologia sistemática*. Trad. de Odair Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.
- BETHUNE-BAKER, J. F. *Nestorius and his teaching: a fresh examination of the evidence*. Nova Jersey: Gorgias Press, 2011.

- COETZEE, Michelle. *The Filioque impasse: patristic roots*. Nova Jersey: Gorgias Press, 2012.
- DRAKE, H. A. The impact of Constantine on christianity. In: LENSKI, N. (Org.). *The Cambridge companion to the Age of Constantine*. New York: Cambridge University: 2007, p. 111-136.
- DUDLEY, D. *History of the first Council of Nice*: a world's christian convention, A.D.325. New York: Kessinger Publishing, 1992.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia sistemática*: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GRACIOSO, Joel. *Heresias*: tão antigas e tão novas. São Paulo: Kenosis; DDM, 2015.
- MASPERO, Giulio. *Rethinking the Filioque with the Greek Fathers*. Michigan: Eerdmans, 2023.
- MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*: um introdução cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.
- MCLEOD, Frederick G. *Theodore of Mopsuestia*. London: Routledge, 2009.
- MINGANA, A. *Commentary of Theodore of Mopsuestia on the Nicene Creed*. Nova Jersey: Gorgias Press, 2009.
- REIS, Josué Callender dos. Os concílios ecumênicos. *Revista de História*, São Paulo, v. 28, n. 57, p. 29–67, 1964. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/122665>. Acesso em: 02 mar. 2025.
- RUSSELL, Norman. *Cyril of Alexandria*. London: Routledge, 2000.
- SABO, Theodore. *From monophysitism to nestorianism: AD 431-681*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2018.
- SCHAFF, P. *The creeds of christendom*. 6. ed. revised and enlarged. Michigan: Baker Book House, 1977, v. 2.
- SCHAFF, Philip. *History of the christian church*. 5. ed. Michigan: Wm. B. Eerdmans, 1981.
- SESBOUÉ, Bernard (org.). *História dos dogmas I: O Deus da salvação*. Séc. I – VIII. São Paulo: Loyola, 2002.
- SIECIENSKI, A. E. *The Filioque*: history of a doctrinal controversy. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- STADEL, Seth M. *The catalogue of books of Abdisho 'Bar Brikha*. Translated with an Introduction and Notes. Boston: Brill, 2025.
- STRONG, H. *Teologia sistemática*. Trad. de Augusto Victorino. São Paulo: Hagnos, 2003.
- THEODORO DE MOPSUÉSTIA. *Commentary on Psalms 1-81*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006.
- THEODORO DE MOPSUÉSTIA. *Commentary on the Gospel of John*. Illinois: IVP Academic, 2010.
- THEODORO DE MOPSUÉSTIA. *Commentary on the Twelve Prophets*. Washington: Catholic University of America Press, 2014.
- THEODORO DE MOPSUÉSTIA. *El padrenuestro, el bautismo y la eucaristia*. Salamanca: Ediciones Sigueme, S. A., 2021.

THEODORO DE MOPSUÉSTIA. *Replica a Giuliano Imperatore*. Bologna: EDB, 2019.

THEODORO DE MOPSUÉSTIA. *The commentaries on the Minor Epistles of Paul*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2010.

THEODORO DE MOPSUÉSTIA; CRISÓSTOMO, João. *Primera explicación de la Eucaristía, la catequesis patrísticas a los recién bautizados*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2011.

WOOD, Philip. *The Chronicle of Seert*: christian historical imagination in late Antique Iraq. Oxford: Oxford Press, 2013.

YBARRA, Erick. *The Filioque*: revisiting the doctrinal debate between catholics and orthodox. Whittier: Ybarra, Erick, 2022.